

***L'urbanisme, utopies et réalités. Une anthologie.* De Françoise Choay.**

Maria Helena Ribeiro dos Santos

Licenciada em arquitetura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa em 1980. Mestre em 'Conservation of Historic Towns and Buildings' pelo RLICC da Katholieke Universiteit Leuven em 1996, com uma dissertação elaborada sob orientação conjunta do Prof. Doutor José-Augusto França, em Portugal, e do Prof. Doutor Raymond Lemaire na Bélgica, publicada com o título "Baixa Pombalina: Passado e Futuro" pelos Livros Horizonte em 2005. Mestre em Urbanismo em 2009 e Doutora em Urbanismo em 2012 pelo Departament d'Urbanisme i Ordenació del Territori da Universitat Politècnica de Catalunya de Barcelona.

Investigadora nas áreas da reabilitação urbana e em história da arquitetura e do urbanismo. Desde 1988 é Técnica Superior da Direcção-Geral do Património Cultural. Foi professora auxiliar convidada de História da Arquitetura no Departamento de Arquitetura da Universidade Autónoma de Lisboa, de 2000 a 2008. Colaborou em "Praça do Comércio: História de um espaço urbano" coordenado por Miguel Faria, IN-CM/UAL, Prémio 'José de Figueiredo 2013' da Academia Nacional de Belas Artes.

Para citação: SANTOS, Maria Helena Ribeiro dos – *L'urbanisme, utopies et réalités. Une anthologie.* De Françoise Choay. **Estudo Prévio** 3. Lisboa: CEA/UAL - Centro de Estudos de Arquitetura, Cidade e Território da Universidade Autónoma de Lisboa, 2013, p. 44-46. ISSN: 2182-4339 [Disponível em: www.estudoprévio.net].

Creative Commons, licença CC BY-4.0: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Com o desenvolvimento da revolução industrial, as questões urbanas adquirem uma dimensão e um impacto muito importantes na vida coletiva. Tornam-se objeto de estudos e propostas inovadoras, que identificam os novos problemas de diferente natureza e com uma escala antes inimaginável, e procuram encontrar soluções para projetar as novas cidades ou reorganizar/reordenar as existentes. A cidade passa a ser tratada como uma entidade com problemas próprios, que advêm do seu crescimento desmesurado, onde se aglomera uma população cultural e socialmente muito diversificada, vinda cada vez mais de todos os cantos do mundo.

A ciência urbanística tem assim uma afirmação recente enquanto disciplina autónoma. A cidade, as teorias e práticas do planeamento urbano e territorial, passaram a ser entendidos como um campo de investigação e intervenção específicos, para o qual contribuem especializações variadas como a arquitetura, a engenharia, a geografia, a antropologia, a ecologia, a economia, o direito ou as ciências políticas.

O livro *L'urbanisme, utopies et réalités* é uma demonstração clara da importância do urbanismo no mundo contemporâneo. Menos conhecido entre nós que outros livros de Françoise Choay como a *Alegoria do património* ou *A regra e o modelo*, de datas posteriores, esta antologia centra-se no século XIX e até meados do século XX, e ilustra uma diversidade de abordagens possíveis, mostrando a continuidade das questões tratadas, e que ainda hoje permanecem atuais e problemáticas. Esta seleção de textos criteriosamente escolhidos, e normalmente pouco acessíveis, apresenta-nos de forma sintética as ideias e propostas de cada teórico através das suas próprias palavras, dando a conhecer a forma como são equacionados os problemas. Comenta Choay: «O urbanismo não põe em questão a necessidade das soluções que preconiza. Pretende uma universalidade científica: segundo os termos de um dos seus representantes, Le Corbusier, ele reivindica 'o ponto de vista verdadeiro'. Mas as críticas dirigidas às criações do urbanismo são-no igualmente em nome da verdade. Em que se baseia este confronto de verdades parciais e antagónicas? Quais são os paralogismos, os juízos de valor, as paixões e os mitos que revelam ou dissimulam as teorias dos urbanistas e as contrapropostas dos seus críticos?» (pág. 9).

Os autores apresentados são numerosos e diversificados, proporcionando uma panorâmica muito enriquecedora. A crítica severa à cidade existente é comum a todos eles, e destacam a preocupação e necessidade de ultrapassar as consequências mais gravosas em termos de deficientes condições de habitabilidade, salubridade, circulação viária, a que se junta a miséria e a degradação social. Encontramos descritas de forma breve várias soluções utópicas e propostas cuja concretização foi realizada (ainda que só parcialmente). A autora estabelece uma primeira distinção entre pré-urbanismo e urbanismo, que são ainda subdivididos em duas vertentes, uma de pendor progressista e outra mais vincadamente de carácter cultural. Distingue-as quer as preocupações fundamentais, quer os objetivos, como sejam a crença otimista de que o progresso e as novas tecnologias trazidas pela revolução industrial nos darão um futuro inegavelmente melhor, no primeiro caso, a que se contrapõem no segundo caso os valores da cidade tradicional, a importância da memória e do conhecimento histórico, que deverão ser mantidos e considerados a base para o desenvolvimento urbano futuro.

No quadro temporal definido, o pré-urbanismo descreve como deveriam ser as cidades, elaborando propostas urbanas utópicas, quer no âmbito social, quer formal, inspirando-se no método seguido na Utopia de Thomas Moore. Engloba as reflexões de Ruskin e Morris, assim como Robert Owen e New Lanark, Charles Fourier e o seu Falanstério com um modelo de habitação coletiva, ou a 'Icaria' de Cabet e a 'Hygea' de Benjamin W. Richardson. Os critérios de base funcionalista propõem desde logo como tema central a habitação-tipo – seja o edifício coletivo, ou a moradia com jardim; também é importante a definição de distintos edifícios-tipo para cada finalidade: escolas, hospitais, fábricas. Curiosamente incluem-se também autores como Júlio Verne, Wells, ou Marx, a quem as questões sociais e urbanas também ocuparam.

A estes visionários iniciais seguem-se contribuições importantes, marcos fundamentais do urbanismo do século XX. Desenvolvendo uma perspetiva mais técnica sobre os problemas da cidade, não são incluídos os aspetos políticos, e valorizam-se as questões construtivas e de salubridade. São sobretudo obra de especialistas, os arquitetos.

Quanto aos culturalistas há uma continuidade entre o pensamento dos pré-urbanistas e dos urbanistas, o que não acontece com os progressistas. Temos as teorias de Camillo Sitte sobre as qualidades artísticas das cidades antigas e as propostas de Ebenezer Howard criando a 'cidade-jardim' – juntar aos benefícios da vida nas cidades o das vantagens da vida no campo, a tranquilidade, a salubridade e a beleza. Refere Choay: «O escândalo histórico de que partem os partidários do modelo culturalista é o desaparecimento da antiga unidade *orgânica* da cidade, sob a pressão desintegradora da industrialização.» (pág. 21).

Para os progressistas, as componentes técnicas inovadoras estão na base das suas propostas como na 'Cité Industrielle' de Tony Garnier (1904), ideias concretizadas depois em Lyon, e sobretudo com Le Corbusier e a 'Ville Radieuse', e o modelo da Unidade de Habitação, – que se apresenta como uma cidade-jardim vertical –, e a criação de Chandigarh. Uma referência importante é o grupo do C.I.A.M. (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna), que estabelece em 1933 com a 'Carta de Atenas' os princípios do urbanismo do movimento moderno. Numa categoria separada, o urbanismo naturalista, surge Frank Lloyd Wright e a 'Broadacre-City' feita à medida dos grandes espaços americanos, e promovendo a civilização do automóvel e da mobilidade individual.

A evolução do pensamento urbanístico vive muitas vezes de contribuições diversificadas dos mais variados campos. Encontram-se por isso nomes fundamentais como Patrick Geddes, Lewis Mumford, Jane Jacobs ou Kevin Lynch, que através de uma perspetiva crítica das propostas e realizações urbanas dos especialistas, propõem novas metodologias de abordagem destas questões, enriquecendo-as com novos conceitos metodológicos e dando especial importância aos valores humanistas, desvalorizando os projetos com fundamentos unicamente tecnológicos. Por último é dedicado um capítulo aos filósofos da cidade, exemplificados com textos de Victor Hugo e Martin Heidegger, entre outros.

Sendo a população a nível mundial cada vez mais citadina, sem dúvida que o aprofundamento das questões urbanas, entendidas como um processo contínuo de evolução das cidades, exige cada vez mais um conhecimento fundamentado e um saber adequado ao equacionar da grande diversidade de temas presentes. A síntese original que esta antologia nos proporciona é essencial para alcançar esse objetivo.

“Inspirado em Fourier, Godin construiu um Familistério em Guise, que ainda hoje existe (www.familistere.com).”

Bibliografia

CHOAY, Françoise – *L'urbanisme, utopies et réalités. Une anthologie.*; Paris: Éditions du Seuil, 1965, 448 págs.